

Débito prejudica esforço de ajuste

BRASÍLIA — A incapacidade do Governo federal de forçar os estados a assumirem medidas de austeridade compromete a credibilidade da outra medida em que se assenta o ajuste fiscal planejado por Fernando Henrique: o corte nas despesas orçamentárias. Terça-feira, em jantar na casa do deputado José Serra (PSDB-SP), ao discutir a necessidade de cortes, o líder do PFL, Luis Eduardo Magalhães (PFL-BA), filho do governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, provocou Serra:

— Não tenho como segurar meus deputados, se o Governo não corta suas despesas também e não deixa de dar cobertura ao Banespa, que não pagou até hoje uma operação de crédito de US\$ 600 milhões.

O Governo conta com a atuação dos governadores de estados como Ceará e Santa Catarina, para forçar os maiores devedores a ceder. Durante a semana, o ministro conversou com os governadores Ciro Gomes, do Ceará, e Vilson Kleinubing, de Santa Catarina, que se dispuseram a comprometer 9% a 11% de sua receita com a dívida.

— A maioria dos estados do Nordeste concorda em comprometer 9%. É constrangedor para os estados mais ricos não aceitarem — diz Ciro.

A solução não é tão simples. A renegociação, em alguns casos, aumenta o custo para o Governo, como mostra Kleinubing, em dia com a maioria dos pagamentos ao Governo federal e às voltas com a negociação de créditos a receber da Caixa Econômica, a quem deixou de pagar parte de suas dívidas. Kleinubing apóia o ministro, mas pede compensações por bom comportamento.

— Desde setembro comprometo quase 20% de minha receita pagando as dívidas. Com a renegociação, tenho um crédito a receber — diz ele. (Sérgio Leo e Néelson Torreão)